

O piso do box era, primariamente, branco. Não lembrava o nome que se dava para aquele tipo de piso. Lajota? Azulejo? Sabia que o nome geral daquele tipo de material era “piso frio”, mas não lembrava qual o tipo de piso frio era aquele sobre o qual estava sentado. Ou o nome que lhe davam. Tudo parecia um tanto distante e confuso mesmo, misturando os sons do lado de dentro de sua cabeça com o barulho dos pingos do chuveiro que caíam do lado de fora e se espalhavam por seu cabelo, escorrendo pela barba por fazer. Não sabia o nome da porra daqueles ladrilhos. Ladrilhos? Seria esse o nome? Seu raciocínio estava lento. Uma sensação de quase sonolência, um certo distanciamento, uma fraqueza que tomava conta aos poucos do seu corpo, uma certa lassidão... havia algo de quase sensual naquilo que o acometia e o dominava. Era gostoso ter a sensação de poder que tudo aquilo lhe conferia. Talvez qualquer pessoa normal achasse aquela ideia descabida, fora da realidade. Quase sorriu, afastando levemente os lábios pálidos para que um som curto, um quase gemido, escorresse para fora. Realidade. Coisa estranha esse conceito. O que é real? O que imaginamos? O que percebemos do real e quanto dele é simplesmente sonho, peças que a nossa consciência nos prega?

Olhou para baixo. Seu corpo começava a ficar distante, uma sensação que ele já conhecia porque já estivera assim antes, uma sensação de que tudo estava se afastando. Suas mãos formigavam, havia o frio, o barulho da água do chuveiro, sua respiração descompassada, seu coração batendo feito louco, o barulho ecoando em seus ouvidos. Sempre imaginara que haveria uma certa paz no fim, mas paz e tranquilidade nada tinham a ver com aquela sensação opressiva e desconfortável. Piscou porque seu campo de visão estava se estreitando, como se duas vendas estivessem sendo colocadas de fora para dentro... fixou os olhos no rio vermelho que se misturava à água do chuveiro sobre os ladrilhos (“lajotas? azulejos?”) brancos do chão do box do banheiro. Era fácil, quase divertido, para ele ver o vermelho-vivo escurecer à medida que escorria. Levou à mão à prega do braço esquerdo e com os dedos trêmulos e insensíveis arrancou o abocath que ele mesmo cravara ali. Comprimiu o pequeno ferimento, enquanto seus dedos pareciam sem força, mas notou que o sangramento diminuía. Não lembrava de onde a ideia lhe surgira, da primeira vez. Talvez de alguma leitura antiga, de uma centelha de lembrança que lhe dizia que a sangria fora um tratamento médico por um longo tempo. Talvez sangrando poderia fazer passar um pouco do desconforto. Talvez a sangria fosse a cura para a sua doença. Não tinha nenhuma dificuldade em achar a veia no braço, aquela que sempre era picada na hora de fazer um exame de sangue. Enfiava o abocath ali com firmeza, sem hesitar, como tantas vezes vira as enfermeiras fazendo. Depois, quando a parte de trás, transparente, era rapidamente preenchida pelo sangue, denunciando que ele estava dentro da

veia, bastava puxar a parte interna e deixar o sangue fluir. Elegera o box do banheiro por sua brancura e porque ali faria menos sujeira. Detestava dar trabalho aos outros e, convenhamos, um monte de sangue pelo chão é muita coisa para se limpar, ainda mais se alguém achar aquilo nojento. Esse não era o seu caso, não sentia mais nojo de si mesmo. Até gostava do seu corpo, das sensações que ele lhe propiciava e, talvez, por isso resolvera experimentar coisas diferentes. Como drenar uma parte do sangue, como sangrar-se. Gostava da expressão: sangrar-se. Aliviar-se. Deixar sair de si aquele líquido que desde sempre estava associado com a vida. “Sangrou até a morte” era uma frase que lera em inúmeros livros ou ouvira em diversos filmes, dito sempre de uma forma grave, sinistra, definitiva. As pessoas esquecem que nem todos têm coragem de sangrar até a morte. Ele ainda não tivera. Nas cinco vezes que, deitado no chão do box, parara de sangrar, sentira a morte se aproximando, curiosa, sem saber o que pensar daquele homenzinho gordo que se encolhia sobre o chão molhado e frio, pintura de vermelho sobre branco. Se pudesse conversar com essa entidade, a morte, aquela coisa esquelética, vestida de preto, que carrega uma foice, diria a ela que não queria abraçá-la. Na verdade – se é que existe esta tal verdade – tentava apenas drenar de suas veias a dor que sentia. Queria abrir-se, deixar fluir para fora de si a mágoa, o desespero, a dor. Não se incomodaria se, no processo, sua vida fosse levada junto. Em momentos como aquele a simples ideia de livrar-se de tudo de ruim que sentia era justificativa mais do que suficiente para o que ele chamava de “o procedimento”. Mas havia algo mais forte nele: sabia, já que estudara fisiologia, que as respostas humanas, por mais desprezível que fosse essa forma de vida, raramente eram nesse sentido. Sabia que tudo nele tentaria viver de qualquer forma. Vasos sanguíneos se contrairiam, seus rins parariam de produzir urina para poupar líquido, seus olhos não chorariam mais, seu coração dispararia, aumentando a velocidade com que faria seu sangue, cada vez mais escasso dentro de suas veias – e mais abundante no chão do banheiro, coagulando, escorrendo para o ralo – corresse a uma velocidade absurda levando oxigênio e alimentos para cada uma de suas células. Era uma resposta que ele não podia controlar. Por fim, interrompia o sangramento. Isso sempre acontecia. Desta vez tentara prolongar o processo ao máximo, tentando fazer com que não fosse mais possível pará-lo, de forma a drenar de si toda a vida que possuía. Mas era um fracasso, como bem sabia: interrompeu a sangria, tirou o abocath, comprimiu a veia. Levantou-se custosamente, sentindo o mundo todo girar em torno dele. Teria sorrido, se tivesse forças. “Hipotensão postural”, ele sabia que era o nome daquilo. Foi até a cama e deitou-se, o mundo girando ao seu redor. Não fazia ideia de quanto sangue retirara de seu corpo. Mas sabia que, sendo sexta-feira, conseguiria recuperar-se até segunda. Lá estaria, no trabalho, novamente. Como sempre. Sorriso afivelado ao rosto, atitude comedida, como se tudo estivesse normal, inclusive ele. Era o que eles esperavam dele. Era o que ele lhes daria. Ainda bem que era inverno, porque assim poderia esconder o curativo sob as mangas compridas. Talvez

estranhassem sua palidez. Talvez alguém lhe perguntasse se estava bem, ao que ele, certamente, diria que sim. Mentir não é difícil, quando a gente pega o jeito. Conseguimos até mentir para nós mesmos, fingindo não ver o que está diante dos nossos olhos. Teimamos conosco, não queremos enxergar as escolhas que fazemos e que deveríamos abandonar. Não nos permitimos voltar atrás porque não nos perdoamos. Deixamos isso a cargo dos outros, eles, que de tão normais não tem gosto nem cor e que, sabe-se lá porque deixamos, controlar nossos destinos.

Suspirou. Sabia que seria assim de novo. E de novo. Vezes sem fim, um ciclo que sempre se repetiria. Jamais poderia contar a alguém o que acontecia no esconderijo do box do banheiro. Mesmo porque ninguém se interessaria. Era problema seu. Uma vida miserável devia mesmo terminar assim, de forma miserável. O mundo, aos poucos, parava de rodar. Seu coração batia loucamente no peito, estava coberto por um suor frio e sabia que logo teria uma sede arrasadora. Beberia litros de água, como sempre acontecia. E logo estaria em pé, novamente encarando a vida como se ele mesmo estivesse vivo. Talvez, se mentisse com muita convicção para si mesmo, acabaria acreditando que estava vivo. Se não conseguisse, bom... sorriu ao concluir em voz que deveria ter sido alta mas que na verdade não passava de um sussurro: “sempre existe o chão branco do box do banheiro que parece pedir um toque de vermelho”.

Adormeceu. Acordaria? Pouco se importava naquele momento. Ou em qualquer outro.